

LIVROS EM CASTELHANO NA LIVRARIA DE D. TEODÓSIO I (1510?-1563), 5.º DUQUE DE BRAGANÇA

Ana Isabel BUESCU

Recibido: 23/07/2013

Aceptado: 04/11/2013

RESUMO: Este ensaio insere-se no estudo dos conteúdos da livreria do duque D. Teodósio, no âmbito do Projecto *De Todas as Partes do Mundo, O património do 5.º Duque de Bragança, D. Teodósio I*, projecto de estudo integral do património do duque, com base em cópia seiscentista do inventário realizado à sua morte (1563). Este texto tem como objectivos avaliar a dimensão da livreria ducal por comparação com outras livrerias régias e aristocráticas da época, e sublinhar um dos seus traços mais significativos: a muito importante componente de livros em língua castelhana, testemunhando a interacção e circulação cultural no mundo hispânico no século XVI.

PALABRAS-CHAVE: D. Teodósio I, duque de Bragança, património da Casa de Bragança, inventário, livros castelhanos, livrerias aristocráticas.

ABSTRACT: This article is part of the ongoing investigation of the duke D. Teodósio's library, in the context of the Project *De Todas as Partes do Mundo, O património do 5.º Duque de Bragança, D. Teodósio I*. This project aims to study the household and assets of the duke based on the *post-mortem* inventory. The goals of this article are to evaluate the real dimension of this library, in a comparative perspective with other aristocratic libraries of the time; and to underline the importance of Castilian books in this library, which is an eloquent testimony of the cultural interaction between Portugal and Spain in the sixteenth century.

KEYWORDS: D. Teodósio I, duke of Bragança, household, inventory, Castilian books, aristocratic libraries.

A LIVRARIA DUCAL NO CONTEXTO DOS BENS DE D. TEODÓSIO

O ensaio que aqui se apresenta está inserido no estudo, que prosseguimos há alguns anos, dos conteúdos da livreria do duque D. Teodósio, no âmbito do Projecto *De Todas as Partes do Mundo, O património do 5.º Duque de Bragança, D. Teodósio I*¹. Como o título indica, trata-se de um projecto de estudo sistemático

¹ Projecto FCT, PTDC/EAT-HAH/098461/2008, coordenado por Jessica Hallett, no âmbito do CHAM-FCSH/UNL/UAç.

de todo o património do duque, em que se inclui o inventário da sua biblioteca, com base em cópia seiscentista do inventário realizado à sua morte, em 1563². Procuraremos neste texto incidir sobre a dimensão da livraria ducal, no contexto da primeira metade do século XVI, em particular por comparação com outras livrarias aristocráticas da época, para depois incidirmos sobre a muito importante componente de livros em língua castelhana desta grande biblioteca de Quinhentos.

Sendo que a nossa investigação tem por objecto o estudo da livraria de D. Teodósio I³, não podemos ignorar que ela se integra no conjunto mais vasto dos bens da casa de Bragança. Assim, é necessário avaliar a livraria numa perspectiva comparada também no interior do próprio inventário, para entender a posição relativa dos livros perante todos os outros *items* e categorias de objectos. Os números são muito claros e mostram que, no contexto geral de um inventário que integra c. de 6000 *items* – entre os quais armas, cerâmicas, *exotica*, escultura, mobiliário, têxteis, jóias ou prata - os livros são o objecto mais abundante, com um total de 1656 entradas. Em termos percentuais, estes últimos alcançam mais de 25% do total dos objectos inventariados. Aos livros seguem-se de perto os têxteis que ocupam uma posição de grande destaque, ao alcançarem um número pouco inferior ao dos livros. Se o nosso critério for, pelo contrário, o de verificar quais as categorias de objectos a que é atribuído maior valor monetário, a situação inverte-se: aos livros é atribuído o valor de 410 245 reis, ou seja, 0,8% do total; se somarmos o valor das jóias (13 617 925 reis – 28,2%), prata (9 890 665 reis – 20,5%) e têxteis (7 844 899 reis – 16,2%), concluiremos que apenas estas três categorias sumptuárias representam juntas 64,9% do total da avaliação dos itens inventariados.

Assim, a quantidade dos livros no inventário é inversamente proporcional ao valor monetário que lhes é atribuído. O valor cultural, mas também patrimonial, que D. Teodósio conferia à sua livraria contrastava com os critérios de elaboração de um inventário *post-mortem* que atendia ao valor material dos objectos. O valor atribuído à dimensão material e física do livro enquanto objecto revela quanto a concepção do livro-tesouro era ainda dominante nas colecções aristocráticas. A maior parte dos livros que integravam a livraria ducal, e a própria representação da livraria enquanto espaço de saber e de estudo, remetiam para uma concepção

² Arquivo Histórico da Casa de Bragança, BDMII Res. Ms. 18 – *Inventário dos Bens do 5º Duque de Bragança, D. Teodósio I* [1564-1567; cópia de Lisboa, 15 de Dezembro de 1665; 657 fls.]; transcrição de Joana Torres, revisão de Hugo Crespo.

³ O trabalho de identificação sistemática das obras de algumas das secções - os livros em língua grega e hebraica, de música, arquitectura, cartografia e medicina - estão a cargo de outros investigadores do projecto.

articulada com a exibição de um poder, mas funcional e instrumental, de diferente natureza das jóias, têxteis, prataria, cerâmica, artes ou *exotica*. Aproximando-se destas estavam, sim, vários livros manuscritos litúrgicos e de devoção, ricamente iluminados, alguns de proveniência francesa, bem como um número substancial de livros de música que se encontravam na capela do paço, e aos quais, sendo obras de aparato, era atribuído um valor mais substancial enquanto objecto.

No quadro mais geral das dinâmicas culturais no século XVI, era na corte régia e nos círculos da aristocracia que em Portugal a inovação cultural e as ligações, nomeadamente ao mundo do humanismo italiano e à Flandres nas suas diferentes manifestações culturais e artísticas, ocorriam de forma mais nítida⁴. Foi Luís de Matos quem, de forma pioneira, chamou a atenção para esse outro centro polarizador e dinamizador de cultura que foi a corte de Bragança, a segunda casa mais poderosa após a real. Em estudo intitulado *A Corte literária dos duques de Bragança no Renascimento*, Matos procurava realçar o papel da Casa de Bragança, e em particular da corte de Vila Viçosa, em pleno Alentejo, no panorama cultural do reino português no século de Quinhentos. Percorrendo nomes e figuras, acções de mecenato, protecção de artistas e recrutamento de eruditos, Luís de Matos traçava um eloquente retrato da acção e da irradiação cultural promovida pelos duques de Bragança durante o Renascimento⁵.

Sendo que não cabe aqui pormenorizar outros aspectos igualmente importantes evocados por Luís de Matos, centremo-nos na livraria do duque de Bragança, ao tempo do seu 5º representante, D. Teodósio, filho do duque D. Jaime († 1532) e de D. Leonor de Mendoza (Medina Sidonia) (†1512). A composição da livraria, apesar de desaparecida, não era desconhecida, e foi objecto de estudos panorâmicos⁶, que deram conta da sua magnitude e importância. Mas é no âmbito do Projecto do estudo sistemático de todo o património da Casa de Bragança no século XVI, que ela está a ser estudada e os seus conteúdos tanto quanto possível identificados.

⁴ Portugal e Flandres. *Visões da Europa (1550-1680) (1992). Cultural Links between Portugal and Italy in the Renaissance (2000).*

⁵ MATOS, L. de (1956). *A Corte literária dos duques de Bragança no Renascimento*, Lisboa, Fundação da Casa de Bragança.

⁶ NASCIMENTO, A. A. (1994). «A livraria de D. Teodósio I, Duque de Bragança». *Congresso de História no IV Centenário do Seminário de Évora. Actas. I-II*, Évora, Instituto Superior de Teologia-Seminário Maior de Évora, pp. 209-220. IDEM (2006). «Erudição e livros em Portugal, ao tempo de Arias Montano: a biblioteca do Duque de Bragança». In José Maria MAESTRE MAESTRE, Eustaquio SÁNCHEZ SALOR, Manuel Antonio DIÁZ GITO, Luis CHARLO BREA, Pedro Juan GALÁN SÁNCHEZ (eds.). *Benito Arias Montano y los humanistas de su tiempo*, Mérida, pp. 723-749.

A DIMENSÃO DA LIVRARIA DE D. TEODÓSIO I: UMA PERSPECTIVA COMPARADA

Esse processo de identificação de uma livraria de que nada resta, a não ser alguns dos seus livros em bibliotecas nacionais, é feito a partir do traslado seiscentista do inventário do património brigantino feito após a morte de D. Teodósio em 1563, que inclui c. de 6 000 itens, dos quais c. 1600 são livros. «*Sem dúvida a maior biblioteca portuguesa no século XVI, depois da biblioteca 'romana' de Aquiles Estação*»⁷. Esta apreciação remete para a primeira dimensão que devemos considerar. O estudo de uma livraria, quer na Idade Média quer na Época Moderna, para além dos números absolutos das obras que a integram tem de atender, numa primeira análise, à sua dimensão numa perspectiva comparada, no caso vertente com outras livrarias nobiliárquicas e régias suas contemporâneas. Vejamos, pois, este aspecto de forma breve.

No que respeita aos reis de Portugal, na transição para o século XV, sabemos que D. João I (†1433), o fundador da dinastia de Avis, possuía cerca de vinte livros. A livraria do seu filho e sucessor D. Duarte (†1438)⁸ ultrapassava em pouco os oitenta títulos, o que faz dela, em termos comparativos e mesmo tendo em conta possíveis ausências, uma biblioteca do seu tempo. A livraria do infante D. Fernando (†1443), irmão de D. Duarte, continha quarenta e quatro códices⁹, o inventário dos livros do condestável D. Pedro (†1466), filho do infante D. Pedro, e que governou Aragão entre 1464 e 1466, inclui noventa e seis títulos¹⁰.

⁷ PEREIRA, Belmiro Fernandes (1995). «Duas bibliotecas humanísticas: alguns livros doados à Cartuxa de Évora por Diogo Mendes de Vasconcelos e por D. Teotónio de Bragança». *Humanitas*, XLVII, p. 846.

⁸ Inventário publicado sucessivamente por BRAGA, T. (1892). *Historia da Universidade de Coimbra nas suas relações com a Instrução Publica Portuguesa*, I – 1289-1555. Lisboa: Typ. Academia Real das Sciencias, pp. 209-228. PIEL, J. (1942). Ed. crítica do *Leal Conselheiro* de D. Duarte. Lisboa: Bertrand, pp. 414-416. DIAS, J. J. A. (1982). D. Duarte, *Livro dos Conselhos de El-Rei D. Duarte (Livro da Cartuxa)*, ed. diplomática com transcrição de João J. Alves Dias, Introdução de A. H. de Oliveira Marques e João J. Alves Dias. Lisboa: Estampa, pp. 206-208.

⁹ Rol publicado em *AS GAVETAS da Torre do Tombo* (1968). VI, gav. XVI, 2-13, pp. 186-202. Dantas, J. (1921). «A livraria do Infante Santo». *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, 2, nº 6 (Abril-Junho), pp. 101-109. RICARD, R. (1970). «Les lectures spirituelles de l'infant Ferdinand de Portugal (1437)». In *Études sur l'Histoire Morale et Religieuse du Portugal*. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian/Centre Culturel Portugais, pp. 53-61.

¹⁰ BRAGA, T. (1892). *Op.cit.*, pp. 232-234. VASCONCELOS, C. M. de (1922). «Apêndices» da ed. de D. Pedro, *Tragedia de la Insigne Reina Doña Isabel*. 2ª ed., Coimbra: Imprensa da Universidade, pp. 121-144.

Por seu turno, D. Manuel (†1521) tinha c. de 100 livros na sua guarda-roupa, embora fosse certo que possuía uma livraria de maior escala. Na verdade, não é seguro concluir acerca da dimensão da biblioteca régia a partir do rol dos livros constante da sua guarda-roupa. Sendo embora a única lista de livros do monarca que chegou até nós, o próprio Sousa Viterbo adverte para o facto de porventura o inventário da guarda-roupa do rei não reflectir de forma fiel o seu conteúdo, uma vez que em 1517, por ocasião da morte da sua segunda mulher, a rainha D. Maria, o rei havia feito partilhas entre os seus numerosos filhos, onde entraram muitos bens móveis, entre os quais, também livros¹¹. Por outro lado, lembremos que no fastoso presente enviado ao *Negus* da Abissínia em 1514 pelo monarca português, se incluíam, entre muitas outras obras, «*mil cartinhas*» para aprender a ler, «*doze cathacismos*» – provavelmente o *Catecismo Pequeno* do bispo de Ceuta D. Diogo Ortiz impresso em Lisboa em 1504¹² - «*vimte flos samtorum*», «*trimta liuros da vida dos martires* [...]»¹³. No caso das *Ordenações*, o número de exemplares da edição de 1512-13, composta por cinco volumes, foi de mil exemplares¹⁴. É portanto forçoso concluir que a produção de livros atingia então, embora em casos precisos e restritos, uma dimensão considerável, articulada, de forma dominante, quer com a difusão dos poderes régios à escala do reino, como é o caso das *Ordenações*, quer com a alfabetização e a evangelização no quadro do processo expansionista, o que explica, no exemplo citado, o predomínio absoluto de livros religiosos e de aprendizagem da língua portuguesa¹⁵.

Outros exemplos, para Portugal, de bibliotecas monásticas, individuais, de altos dignitários eclesiásticos, ou de letrados confirmam, com algumas relativas excepções, a exiguidade das colecções: a biblioteca de Alcobaça, a maior do país,

¹¹ VITERBO, F. de S. (1902). «A livraria real especialmente no reinado de D. Manuel». *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, IX, Parte I, p.10.

¹² SILVA, E. M. (2001). *O Cathecismo Pequeno de D. Diogo Ortiz Bispo de Viseu. Estudo literário e edição crítica*, Lisboa: Colibri. Está também presente neste inventário.

¹³ BARRETO, J. A. DA G. (1879). «Presentes de D. Manuel ao Preste João e seu Embaixador». *Boletim de Bibliographia Portugueza e Revista dos Archivos Nacionaes*, 2, nºs 1 e 2, pp. 17-23 e pp. 49-59.

¹⁴ DIAS, J. J. A. (2002). «Introdução» às *Ordenações Manuelinas*. Livros I a V. Reprodução em fac-símile da edição de Valentim FERNANDES (Lisboa, 1512-1513), Lisboa: Centro de Estudos Históricos da UNL, pp. XXIII-XXIV.

¹⁵ BUESCU, A. I. (2011). «Livros e livrarias de reis e de príncipes entre os séculos XV e XVI. Algumas notas». In *Na Corte dos Reis de Portugal. Saberes, ritos e memórias*, 2ª ed., Lisboa: Colibri, pp. 72-73.

continha 500 códices, a de Santa Cruz de Coimbra algumas centenas¹⁶, a livraria do convento da Arrábida no século XVI 201 obras¹⁷. Em Coimbra, antes da transferência definitiva da Universidade em 1537, existia uma *Livraria do Estudo* bastante modesta, não chegando à centena de títulos, a maioria manuscritos. Na década de 1530, esse conjunto de livros não ultrapassava os 120¹⁸. Com o aparecimento da tipografia, as livrarias privadas foram crescendo, mas ao longo do século XVI, mesmo dentro das elites, a sua dimensão permanece, em geral, relativamente modesta¹⁹.

Num horizonte europeu, excepcional para a segunda metade do século XV era a biblioteca do rei Afonso V de Aragão, Sicília e Nápoles (†1458), o *Magnânimo*, com mais de 1000 volumes²⁰. Por seu turno, Isabel *A Católica* (†1504), tocada pela renovação cultural que chegava a Castela proveniente de Itália e da Flandres, no contexto da afirmação da arte tipográfica no reino e abrindo a sua corte a humanistas como Lucio Marineo Sículo e o milanês Pietro Martire d'Anghiera (†1526), reuniu uma biblioteca de 400-500 volumes²¹.

Situando-nos agora num outro espaço geográfico, uma referência particular é devida a Matias Corvino (†1490), rei da Hungria, em virtude da biblioteca que possuiu, a famosa *Bibliotheca Corviniana*, uma das maiores colecções europeias da segunda metade do século XV, com c. de 2 500 obras (das quais sobreviveram pouco mais de 200).

¹⁶ CARVALHO, J. T. de (1921). *A livraria do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra: estudo dos seus catálogos, livros de música e coro, incunábulo*. Coimbra, Imprensa de Universidade.

¹⁷ NASCIMENTO, A. A. (2006). *Op.cit.*, p. 747, nota 73.

¹⁸ BARBOSA, J. de A. (1988). «A Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra», *ICALP. Revista do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa*. N.ºs 16-17, Junho-Setembro, p. 162.

¹⁹ V. os exemplos arrolados por MARQUES, A.H. DE O. (1986). *Nova História de Portugal, IV - Portugal na Crise dos séculos XIV e XV*. Lisboa: Presença, pp. 420-421. V. ainda NASCIMENTO, A. A. (1993). «Circulação do livro manuscrito». In *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, org. e coord. LANCIANI, G. e TAVANI, G. Lisboa: Editorial Caminho, pp. 155-159.

²⁰ GOMES, S. A. (2006). *D. Afonso V, o Africano*. Lisboa: Círculo de Leitores, p. 152. Sobre a livraria régia com D. Afonso V, pp. 151-158. LÓPEZ-RÍOS, S. (2002). «A new inventory of the royal Aragonese Library of Naples». *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, LXV (2002), pp. 201-242.

²¹ GIL FERNÁNDEZ, L. (2003). «El humanismo en Castilla en tempos de Isabel la Católica». In *Arte y cultura en la época de Isabel la Católica*, ed. Julio VALDÉON BARUQUE, Valladolid: Ámbito Ediciones, pp.15-75; LÓPEZ-VIDRIERO, M. L. (2003). «La imprenta y los libros». In *ibidem*, pp. 111-133. VAL VALDIVIESO, M. I. del (2003). «Isabel la Católica en el contexto cultural de su tiempo». In *ibidem*, pp. 369-389.

O panorama relativo à aristocracia era também eloquente sobre a dimensão das livrerias. Respiguemos alguns exemplos para o caso espanhol, mais ou menos coevos do período que nos interessa: Fernando Álvarez de Toledo (†1504), 1º conde de Oropesa, possuía 43 volumes, e o seu sucessor, Francisco Álvarez de Toledo (†1542), 67²². Alonzo Pimentel († 1461), 3º conde de Benavente, senhor de uma das mais destacadas casas aristocráticas castelhanas, deixou uma livreria com 126 volumes, considerada, a par da de Iñigo López de Mendoza, marquês de Santillana (†1458), personagem-chave da literatura castelhana pré-renascentista, como a mais emblemática das livrerias nobiliárquicas da segunda metade do século XV²³. A biblioteca de D. Fradique Enríquez de Ribera, 1º marquês de Tarifa (†1539), grande amante das letras e muito próximo de homens como Juan del Encina, Pietro Martire d'Anghiera e discípulo na corte de Lucio Marineo Siculo, reunia c. 260 obras, de acordo com inventário realizado em 1532, «*número bastante elevado para la época y categoria social de su propietario*»²⁴. Podemos perceber a magnitude da biblioteca de D. Rodrigo, marquês de Cenete que ascendia em 1523, data da sua morte, a 631 entradas²⁵. Em 1518, o marquês de Priego possuía uma biblioteca composta por 309 volumes, mas já Antonio de Rojas y Velasco, senhor de Villerías, possuía apenas 65 livros em 1556. Para um período exactamente coevo de D. Teodósio, o inventário do património do seu tio Juan Alonzo de Guzmán (†1558), 6º duque de Medina Sidonia incluía um extenso rol de preciosidades e objectos sumptuários, pinturas, panos, jóias, paramentos e alfaias litúrgicas, e uma apreciável livreria de cerca de 250 obras²⁶. Por seu turno, Diego Hurtado de Mendoza (†1560), conde de Saldaña, primogénito e herdeiro da Casa

²² Inventários publicados por BECEIRO PITA, I. (2007). *Libros, lectores y bibliotecas en la España medieval*. Murcia: Nausicaá, pp. 401-436.

²³ BECEIRO PITA, I. (2007). *Ibidem*, p. 437, e inventário, pp. 462-468; IDEM (1982). «La Biblioteca del conde de Benavente a mediados del siglo XV y su relación con las mentalidades y usos nobiliários de la época». In *En la España medieval. II – Estudios en memoria del professor D. Salvador de Moxó*, Madrid: Universidad Complutense, pp. 136-145. V. ainda LADERO QUESADA, M. A. e QUINTANILLA RASO, M. C. (1981). «Bibliotecas de la Alta Nobleza castellana en el siglo XV». In *Livre et Lecture en Espagne et en France sous l'Ancien Régime. Colloque de la Casa de Velazquez*, Paris: Ed. ADPF, pp. 47-62. HERNÁNDEZ GONZÁLEZ, M. I. (1998). «Suma de inventários de Bibliotecas del Siglo XVI (1501-1560)». In LÓPEZ-VIDRIERO, M.L., CÁTEDRA, P. M., HERNÁNDEZ GONZÁLEZ, M. I. (eds.) (1998). *El Libro Antiguo Español. IV. Coleccionismo y Bibliotecas (Siglos XV y XVI)*, Salamanca-Madrid: Ediciones Universidad de Salamanca; Patrimonio Nacional, pp. 375-416.

²⁴ ÁLVAREZ MÁRQUEZ, M. C. (1986). «La biblioteca de Don Fradique Enríquez de Ribera, I Marqués de Tarifa». In *Historia, Instituciones, Documentos*, 13, Sevilla, p. 3.

²⁵ SÁNCHEZ CANTON, F. J. (1942). *La biblioteca del marqués del Cenete iniciada por el cardenal Mendoza (1470-1523)*. Madrid: CSIC, com a publicação do inventário.

²⁶ SERRÃO, V. (2008). *Frescos maneiristas do Paço de Vila Viçosa, Parnaso dos Duques de Bragança (1536-1640)*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança, p. 81.

do Infantado e de Ceñete, embora não viesse a herdar o ducado, constituiu ao longo de uma vida com evidentes interesses intelectuais, uma biblioteca pessoal de 120 livros²⁷.

Voltando à realeza, a «*librería rica*», constituída pelos livros particulares e pessoais de Filipe II (†1598), continha cerca de 1500 volumes, entre manuscritos e impressos. A sua quase totalidade foi cedida pelo soberano ao mosteiro do Escorial, e esteve na base da constituição da biblioteca escorialense²⁸. No caso francês, o primeiro monarca que teve uma verdadeira «livraria», S. Luís, decidiu reparti-los por vários conventos quando morreu em 1270. Seria necessário esperar por Carlos V (†1380), que organizou uma biblioteca enriquecida com 1000 manuscritos, que legou ao seu sucessor: foi a primeira vez, em França, que uma livraria régia era concebida como um bem inalienável e transmissível aos seus descendentes, não sendo dividida com o desaparecimento do monarca, embora depois vicissitudes políticas tenham levado à sua dispersão²⁹. Assim, é mais tarde o rei Luís XII († 1515) que é geralmente considerado como o verdadeiro fundador da biblioteca régia francesa, conferindo-lhe uma existência institucional ao ordenar a reunião, num mesmo espaço – o palácio de Blois – das colecções herdadas da sua família e do monarca que o antecedeu, Carlos VIII (†1498)³⁰. De acordo com um inventário de 1518, reinando Já Francisco I (†1547), que orientaria a sua predilecção para o palácio de Fontainebleau, a biblioteca de Blois incluía 1890 espécies³¹, progressivamente enriquecida por novas aquisições ordenadas pelo rei a humanistas e embaixadores, nomeadamente em Itália.

Em Inglaterra, a primeira biblioteca régia data provavelmente do reinado de Eduardo IV (†1483), e foi sendo acrescentada pelos monarcas seguintes. A livraria

²⁷ GONZÁLEZ RAMOS, R. (2009). «Imágenes, libros y armas. Tipología y significado de los bienes de Diego Hurtado de Mendoza, conde de Saldaña y marqués del Cenete (1520-1560)». In *Anuario del Dep. de Historia y Teoría de Arte*, 21, p. 33.

²⁸ SÁNCHEZ-MOLERO, J. L. G. (1998). *La «Librería rica» de Felipe II. Estudio histórico y catalogación*. Madrid: Ediciones Escorialenses. Nesta obra o autor realiza um notável trabalho de reconstituição da biblioteca filipina.

²⁹ BALAYÉ, S. (1988). «La naissance de la Bibliothèque du Roi 1490-1664». In *Histoire des Bibliothèques françaises. II – Les Bibliothèques sous l'Ancien Régime: 1530-1789*, dir. JOLLY, C., Paris: Promodis, p. 77. BLOCH D. (1989). «La formation de la bibliothèque du roi». In *Histoire des bibliothèques françaises. I - Les bibliothèques médiévales; du VIe siècle à 1530*, dir. VERNET, A., Paris: Promodis, p. 311.

³⁰ LAFFITE M.-P. e F. LE BARS (1999). *Reliures Royales de la Renaissance. La Librairie de Fontainebleau, 1544-1570*. Paris: Bibliothèque Nationale de France, p. 11.

³¹ GADOFFRE, G. (1999). *La révolution culturelle dans la France des humanistes. Guillaume Budé et François Ier*. Genebra: Droz, p. 235.

de Henrique VII (†1509), primeiro rei da dinastia Tudor, incluía cerca de 170 obras. No século XVI, existiam colecções dispersas de livros nos vários palácios reais de Westminster, Richmond, Greenwich, Hampton Court, Windsor e Whitehall. Pelo contrário, a biblioteca régia francesa no reinado de Francisco I consolidara-se e centralizara-se em Fontainebleau, e era em 1540 de maior dimensão do que a inglesa, apesar de no quadro do movimento reformista as colecções reais inglesas terem registado um substancial crescimento após 1527, com a incorporação de obras provenientes dos mosteiros extintos³². Para o reinado de Isabel I (†1603), o respectivo catálogo de 1760 inclui mais de 1 600 livros, mas apenas 300 pertenceram à rainha³³. De uma forma geral, as colecções privadas não excediam então os 200 títulos, e as próprias livrarias institucionais de colégios como Oxford e Cambridge eram pouco representativas: em 1530, a livraria da Universidade de Cambridge integrava entre 500 e 600 volumes³⁴.

E fora de qualquer escala ou latitude, temos de referir a célebre Colombina, biblioteca «universal» de Fernando Colón († 1539), filho do descobridor da América, com cerca de 15 000 volumes.

LIVROS EM CASTELHANO NA LIVRARIA DE D. TEODÓSIO

Os livros em língua castelhana têm, neste inventário, uma presença muito importante. Ela é visível quer através de obras de autores castelhanos, quer de traduções castelhanas de autores da Antiguidade Clássica e de autores europeus coevos. É, aliás, como veremos, uma das presenças linguísticas mais expressivas nesta livraria, no quadro de um muito difundido bilinguismo português-castelhano na Época Moderna, quer na corte régia e nos meios aristocráticos, quer entre letrados, membros da Igreja, lentes universitários e eruditos³⁵. Além de que também em termos familiares a casa de Bragança tinha laços muito próximos com a aristocracia castelhana, facto que favorecia a circulação de ideias, pessoas, objectos, a língua e os seus livros desde a geração anterior ao 5º duque. O 6º duque de Medina Sidonia era meio-irmão de D. Leonor de Mendoza (ambos filhos do 3º

³² Henry VIII. *Man and Monarch* (2009). Cat. ed. DORAN, S., Exhibition guest curated by STARKEY, D., BA curator CLARKE, A., Londres: British Library, pp. 275-276.

³³ BIRRELL, T. A. (1987). *English Monarchs and their Books: from Henry VII to Charles II*, Londres: British Library.

³⁴ SELWYN, D. G. (1999). «Cranmer's Library: its potential for Reformation Studies». In *Thomas Cranmer Churchman and Scholar*, ed. AYRIS, P. e David SELWYN, D., Woodbridge: The Boydell Press, p. 59.

³⁵ BUESCU, A. I. (2004). «Aspectos do bilinguismo português-castelhano na Época Moderna». In *Hispania. Revista Española de Historia*, LXIV/1, 216, pp. 13-38.

duque, Juan Alonzo de Guzmán, de dois casamentos diferentes), mãe de D. Teodósio, e portanto tio do 5º duque de Bragança.

A livraria de D. Teodósio dividia-se, como tantas outras na época, em grandes secções ou áreas específicas do saber, que não variavam muito: Teologia, Cânones, Leis, Filosofia, Geometria e Arquitectura, Medicina, livros Gregos e Hebraicos, de Oratória e Gramática, Historiadores em latim, Poesia, Astrologia e Matemática, livros Italianos, em Francês e Alemão, livros de música, «*Liurinhos que estão em tres caixoins pequeninos dourados*», livros de debuxos³⁶, teologia e contemplação em linguagem, livros profanos em romance e historiadores em linguagem. Desde logo, esta inventariação, ao não contemplar, ao contrário de outras línguas modernas, uma secção explícita para o castelhano permite perceber que este idioma era transversal a muitas das secções deste inventário.

Logo na maior secção desta livraria essa presença é notória. No seu conjunto e nas suas várias componentes e expressões – teologia, cânones, contemplação, ascese, mística, obras devocionais, hagiografia, controvérsia religiosa, textos normativos – a Teologia é a matéria mais representada na livraria do duque de Bragança, ascendendo a quase 30% do total dos livros. Para além dos grandes nomes da Patrística e da Escolástica que se encontram representados de forma cimeira, bem como a espiritualidade medievais e a *devotio moderna* flamenga do século XV, a livraria de D. Teodósio mostra a sua abertura às correntes espirituais suas contemporâneas. Se ainda há poucas décadas o bibliófilo José V. de Pina Martins assinalava que a edição de 1532 da *Devotissima Expositio sobre el Psalmo Miserere mei Deus* era um documento de extraordinário valor também para provar a influência da espiritualidade savonaroliana em Portugal e Espanha, hoje em dia esse é um dado adquirido, e a livraria de D. Teodósio comprova-o de forma clara. Girolamo Savonarola (†1498), esse «*profeta demasiado inspirado*»³⁷ cujas doutrinas exerceriam forte ascendente sobre a espiritualidade peninsular, é uma presença de grande relevo na livraria ducal através de pelo menos sete obras em latim, italiano e castelhano³⁸, como a muito difundida *Devotissima expositio*...³⁹ acima citada. Esta existia igualmente na livraria régia, e no mundo ibérico circulou com o seu nome mas também de forma anónima, no quadro da difusão, potenciada

³⁶ Desenhos.

³⁷ DELUMEAU, J. (1984). *A Civilização do Renascimento*. I, Lisboa: Estampa, p. 142.

³⁸ N.ºs 3544, 3601, 3608, 3615, 4544, 4560, e talvez ainda o n.º 4643 neste inventário.

³⁹ N.º 3544. Savonarola é autor de uma *Expositio*, com tradução em castelhano e edição portuguesa em castelhano em 1532, por Germão Galharde.

pela tipografia, de toda uma literatura espiritual que, entre ortodoxia e heterodoxia, culminaria com a grande mística espanhola dos séculos XVI e XVII⁴⁰.

Outro traço marcante nesta secção é a presença da teologia, da pedagogia religiosa e da espiritualidade contemporâneas, também com cimeira expressão peninsular: Alfonso de Castro (Zamorensis) (†1558), teólogo franciscano e jurista de escola salmantina; fr. Francisco Ortiz Yáñez (†1547?), frade franciscano, próximo dos *alumbrados*, com processo na Inquisição (1529-32); Luís de Carvajal//Ludovicus Carvajensis (†c.1552), franciscano e teólogo que participou no Concílio de Trento; Francisco de Osuna (†1541?/9?), franciscano e místico espanhol, e muitos outros.

O valor percentual dos livros de teologia torna-se mais expressivo se lhe somarmos essa outra categoria contígua, que inclui os 70 de «*teologia e contemplação em linguagem* (n.ºs 4771-4840) maioritariamente respeitantes à literatura espiritual, ascética, de pedagogia religiosa e catequética, atingindo então a teologia tomada em conjunto os 32,78% do total dos livros inventariados. Aqui se encontra uma importante presença dos textos de espiritualidade e contemplação, dimensão que tem sido por vezes considerada sem grande expressão na cultura religiosa e na espiritualidade em Portugal no século XVI, e que a livraria de D. Teodósio desmente de forma claríssima. Se já no imenso núcleo de Teologia se encontram muitos nomes da grande mística europeia medieval e moderna, agora estamos perante um conjunto de livros em que essa vertente domina.

Iniciemos esta breve panorâmica com a monumental edição castelhana da *Vita Christi* de Ludolfo de Saxónia⁴¹, obra que surge em vários exemplares, versões e línguas em várias outras secções do inventário. Aqui encontramos nomes de relevo da espiritualidade quinhentista como Serafino da Fermo (†1540) e o *Tratado de vida Espiritual...*, impresso em castelhano em Coimbra, em 1551, por ordem do cardeal D. Henrique, de que existem vários exemplares na livraria⁴², o dominicano e autor ascético Frei Luís de Granada (†1588), que viveu longos anos em Portugal,

⁴⁰ MARTÍN ABAD, J. (2003). *Los primeros tempos de la imprenta en España (c. 1471-1520)*. Madrid: Ed. del Laberinto, pp. 171-173. BATAILLON, M. (1973). «Sur la diffusion des oeuvres de Savonarole en Espagne et en Portugal (1500-1600)». In *Mélanges de philologie, d'histoire et de littératures offerts à Joseph Vianey*, Genebra: Slatkine Reprints, pp. 93-103.

⁴¹ N.º 4793, descrito como «*Vita Christi Carteiano em quarto [sic] VoLumes em castelhano*». *Vita Christi Cartuxano romãçado por fray Ambrosio*. Avaliado em 1600 reis.

⁴² N.º 4774. *Tratado de vida espiritual, que enseñan como el hõbre subira del estado del peccado a la cumbre de la perfeccion/Impressos por mandado, y com aprobacion del muy alto [...] señor don Henrique Cardenal [...]*. Coimbra: João da Barreira e João Álvares, 1551. Outros exemplares nos n.ºs 4084, 4087e 4815.

com a *Segunda Parte del libro llamado guia de pecadores...*, editado em 1557⁴³ e o *Compendio de Doutrina Cristã*, impresso em 1559, encomenda da rainha D. Catarina; Frei (futuro S.) João da Cruz (†1591) e o *Dialogo sobre la necesidad y obligacion y provecho de la oracion...*, impresso em Lisboa em 1555⁴⁴, o *Libro contra la ambicion y codicia desordenada de aqueste tiempo llamado a labança de la pobreza* de Bernardino de Riberol (†15?), Um *Tractado de um exercicio muy provechoso devoto y contemplativo llamado Cruz de Cristo*, anónimo e que surge em dois exemplares⁴⁵ a também anónima *Preparação espiritual de católicos à Santíssima comunhão...*⁴⁶ ou o *Retraimento del alma a todos los fieles Christianos* estão lado a lado com a *Escala Espiritual* de S. João Clímaco (†c.650)⁴⁷, a *Arte para servir a Dios...* de Fr. Alonso de Madrid (†c. 1531), com outro exemplar na secção de Teologia⁴⁸, o *Carro de las Donas. Trata de la vida y muerte del hombre christiano* do franciscano Francesc Eiximenis (†c.1409), cuja edição de 1542, certamente a presente na livraria, foi dedicada à rainha D. Catarina⁴⁹, o *Enchiridion o manual de doctrina christiana ...* de Fr. Diogo de Ximenes, impresso em Lisboa, em 1552⁵⁰, a *Regra e perfeçam da conversaçam dos monges* de Lourenço Justiniano (†1455), impresso em 1531 em Coimbra, no Mosteiro de Santa Cruz⁵¹, e muitas outras ainda. Como é visível por esta breve amostragem, também no que diz respeito à literatura espiritual é inequívoca uma intensa circulação e interacção peninsular.

⁴³ N° 4809. Neste inventário há ainda o *Libro llamado guia de pecadores ...*, em 2 vols. V. n° 4060.

⁴⁴ N° 4771, *Dialogo sobre la necesidad y obligacion y provecho de la oracion y divinos loores vocales y de las obras virtuosas y sanctas cerimonias que usan los christianos, mayormente los religiosos*. Lisboa, 1555.

⁴⁵ N° 4821, descrito como «*Crus de Christo*». Poderá tratar-se da obra citada em texto, que surge sem indicação de autor, Sevilha, Cromberger, 1545, ou *Tractado llamado Cruz de Cristo c/* mais 2 obras místicas, e *Crus de Christo nuevamete corr.y emend*. Salamanca: Juan de Junta, 1551.

⁴⁶ Identificação possível com uma das duas edições, ambas de Coimbra: João da Barreira, 1540, e João da Barreira com João Álvares, 1549.

⁴⁷ N° 4818, em edição castelhana.

⁴⁸ N° 4810.

⁴⁹ N°4836. O título completo é *Este devoto livro se llama Carro de las donas. Trata de la vida y muerte del hombre christiano*. Valladolid: Juan de Villaquiran, 1542. Avaliado em 500 reis.

⁵⁰ N° 4787, *Enchiridion o manual de doctrina christiana [...] dividido en cinco partes: en que por via de preguntas y respuestas se enseña al christiano todo lo que deue creer, y no creer: dessear, y aborrecer, hazer, y no hazer: saber y no saber*.

⁵¹ N° 4789, *Regra e perfeçam da conversaçam dos monges. O qual livro foi copilado per o reverendo senhor lourenço Iustiniano primeyro patriarcha de veneza*. Tradução do latim da infanta D. Catarina (†1463), filha do rei D. Duarte (†1438).

A segunda maior secção é, de forma destacada embora muito longe dos números relativos à teologia, a dos «*Historiadores em latim*», com 130 entradas (8,25%); se adicionarmos as 74 entradas relativas aos «*Estoriadores em lingoagem*», as obras de história ascendem a 204, correspondendo a 12,96% do total. Todos os grandes historiadores da Antiguidade estão representados, mas também a historiografia contemporânea, virtualmente de toda a Europa – crónicas de Portugal, Espanha, França, Inglaterra, Dinamarca, Polónia, Escandinávia, Grécia - em latim ou vulgar. Vejamos apenas um exemplo, o de Plutarco (†126 dC?), um dos nomes cimeiros representados, através das *Vitae Parallelae*, obra que conheceu grande fortuna a partir do Renascimento⁵². As suas obras eram conhecidas e lidas em Portugal. No inventário dos livros de D. Manuel há referência a «*Dous livros da Vyda de Putraco [sic]*»⁵³; entre os livros de D. Catarina referem-se as *Vidas*⁵⁴ e, no inventário dos livros recebidos de Castela em 1534, os «*Apoetamata Plutarquy, cubyertas de cuero aleonado en papel, con sus fytas y dorados*», talvez na tradução castelhana de Diego Gracián, publicada no ano anterior⁵⁵. A *Ciropedia* (c.378-362 a. C) de Xenofonte, considerado o mais perfeito modelo do príncipe desde a Antiguidade, após um largo período de obscuridade, ganhou ampla divulgação com a tradução do original grego para latim por Poggio (†1447). Tal obra não podia faltar na livraria ducal, onde existia, em cópia manuscrita, bem como as *Opera* em dois exemplares nesta secção⁵⁶, e ainda a respectiva tradução castelhana na secção dos historiadores em linguagem⁵⁷.

Passemos agora a uma breve referência à secção contígua dos «*estoriadores em lingoagem*» (nºs 4907-4980). A secção é composta por 74 entradas, mas a primeira advertência é a de que o universo cronístico em vulgar é, no seu conjunto, mais substancial, porque aparecem crónicas noutras secções, como por exemplo na dos livros em francês ou italiano mas, acima de tudo, na secção de «*profanos em romance*», onde surgem em português e castelhano. Trata-se, em todo o caso, apesar do título, de uma secção com alguma heterogeneidade temática, onde encontramos obras que hoje não classificaríamos desta forma. Uma apreciação

⁵² Edição latina *princeps* das *Vitae*: Roma, 1470. Existia também uma edição grega (nº 4120) na livraria.

⁵³ FREIRE, A. B. (1904). «Inventario da Guarda-Roupa de D. Manuel». In *Archivo Historico Portuguez*, II, p. 411.

⁵⁴ VITERBO F. de S. (1902). *Op.cit.*, pp. 30-31.

⁵⁵ *Ibidem*, p.35, nº50.

⁵⁶ Nºs 4325 e 4329.

⁵⁷ Nº 4912, *Las obras de Xenofonte trasladadas de Griego en Castellano por el Secretario Diego Gracián en tres parte*. Salamanca: Juan de Junta, 1552, avaliada em 200 rs.

panorâmica permite retirar algumas constatações estruturantes, a primeira das quais, que já assinalámos para a história em latim, é a da sua evidente supremacia ideológica como *magister vitae*, e como instrumento proeminente da cultura aristocrática; a segunda constatação é a de que nela coexistem obras de historiadores clássicos, tardo-medievais e contemporâneos em vernáculo, com muitas traduções de autores latinos e gregos para língua vulgar - de forma esmagadora para castelhano - com destaque para Plutarco, Cícero, Apiano Alexandrino (90-†?), Xenofonte, Tito Lívio, Quinto Cúrcio, Flávio Josefo (†c. 100), Júlio César. Da cronística medieval e moderna em vernáculo surgem nomes como Marco Polo (†1324), Alonso de Madrigal, *el Tostado* (†1455), Fernão Lopes (†1460), Gomes Eanes de Zurara (†1474), Diego de Valera (†1488), Tomé Pires (†c. 1540) Florián del Campo (†1555?) com várias entradas, Fernão Lopes de Castanheda (†1559), João de Barros (†1570), entre outros. Destaque ainda para a obra manuscrita e «*com algúmas fortalezas debuxadas de colores*» de D. João de Castro (†1548), cosmógrafo e vice-rei da Índia, avaliado em 1600 reis. Em termos percentuais, os historiadores medievais e modernos constituem 81% do total, e as traduções de autores latinos 19% - todas elas para castelhano. Assinale-se ainda o apreciável acervo de crónicas em «*letra de pena*» ou «*letra de mão*», facto que evidencia como a transmissão manuscrita permanecia um sinal de «distinção», mormente nas classes aristocráticas.

Os 66 livros que integram a secção de «*profanos em romance*» (n.ºs 4841-4906) constituem um conjunto muito heterogéneo de obras cujo traço de união é o de surgirem em «*romance*», ou seja, em português e castelhano, que referiremos por zonas temáticas, para uma melhor compreensão das linhas-de-força dos seus conteúdos. Em primeiro lugar, destacam-se as obras literárias e de ficção, que remetem, no quadro de um quotidiano aristocrático, para o ler e o ouvir ler – prática ainda tão enraizada mesmo dentro das elites - numa perspectiva de fruição, entretenimento e prazer: aqui encontramos, entre outras obras, o célebre e muito difundido *Laberinto de Fortuna*, ou *Las Trezientas*, obra maior de Juan de Mena (†1456), os não menos conhecidos *Proverbios* do marquês de Santillana⁵⁸, nomes grandes da poesia castelhana da época como Garcilaso de la Vega (†1536) e Juan Boscán (†1542)⁵⁹, dois cancioneiros castelhanos, um deles que o inventário não

⁵⁸ N.º 4847. Iñigo López de Mendoza (†1458), 1.º marquês de Santillana, homem político e prestigiado poeta de influência italianizante. Os *Proverbios* foram escritos em 1437, para a formação do jovem príncipe Henrique, filho do rei Juan II de Castela. Ed. *princeps* 1494.

⁵⁹ N.º4841, descrito como «*Obras de Boscam*». Trata-se certamente da edição conjunta com o título *Las Obras de Boscán y algunas de Garcilaso*. Lisboa: Luís Rodrigues, 1543. A ed. *princeps* castelhana é do mesmo ano.

identifica, mas certamente o *Cancionero General* de Hernán del Castillo⁶⁰, e o *Cancionero* de Juan del Encina⁶¹, várias obras de Fr. Antonio de Guevara, novelas como a *Historia de Aurelio y Isabella* de Juan de Flores († ?)⁶². Mas também a *Miscelânea* de Garcia de Resende (nº 4895), as obras de Gil Vicente (nº 4852)⁶³, bem como traduções castelhanas de Dante⁶⁴ e de Petrarca⁶⁵, evidenciando, uma vez mais, a presença da cultura literária renascentista italiana no mundo ibérico no século XVI, e a sua «refracção» em Portugal tantas vezes através de edições em língua castelhana.

Outro núcleo relevante nesta secção são crónicas e relações de acontecimentos e realidades geográficas europeias e extra-europeias, aqui presentes de uma forma relativamente aleatória, e não em grande número; na verdade, a esmagadora maioria das crónicas em vulgar encontram-se na secção já aludida dos «*historiadores em lingoagem*» (nºs 4907-4980). Em todo o caso, merecem destaque a obra *Los claros varones de Castilla* de Hernando del Pulgar (†1492), em cópia manuscrita⁶⁶, também em manuscrito a incompleta *Historia de las Indias* de Gonzalo Fernández de Oviedo (†1557)⁶⁷, a *Relación* de Álvaro Núñez Cabeza de Vaca⁶⁸, pelo menos uma das *Cartas de Relacion* do conquistador Hernán Cortez

⁶⁰ Nº4845, descrito como «*Camciqueiro [sic] Castelhanos*», ed. *princeps* 1511 e modelo de muitas outras compilações do género, como o *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, publicado em 1516.

⁶¹ Nº4849, descrito como «*Cancioneiro de João de Lenzira*». Juan del Encina (†1529). Ed. *princeps*, Sevilha, 1496 .

⁶² Nº4855, Juan de Flores, escritor do pré-Renascimento espanhol, *Historia de Aurelio y Isabella hija del Rey de Escocia: mejor corregida que antes, puesta en español y francés*. «em quatro linguas», diz-se no inventário. A edição de Antuérpia: Juan Steelsio, 1556, é efectivamente constituída por uma tradução quadrilingue (francês, italiano, castelhano e inglês).

⁶³ É a *Copilaçam...*, Coimbra e Lisboa: João Álvares, 1562.

⁶⁴ Nºs 4851, «*Dante em castelhano com comento*». Pensamos tratar-se da seguinte tradução, que não ostenta o nome da obra mas é a *Commedia*, não sabemos se nesta edição ou outra: *La traducion del Dante de lengua toscana en verso castellano por el reverendo D. Pedro Fernandez de Villehas [...] allende otros glosadores [...]*. Burgos: Fradique Aleman, 1515.

⁶⁵ Nº 4878, no inventário «*Triunfos de Petrarca*». a 1ª tradução castelhana completa de *Los Triunfos* é de 1512, por Antonio de Obregon y Cerecedo, com belas gravuras e miniaturas, reeditada em 1526, 1531, 1532 e mais edições.

⁶⁶ Nº 4877, «*escrito de mão*», a que se atribui a elevada soma de 800 rs. A respectiva edição *princeps* é de Toledo, 1486. Em edições posteriores *Castilla* passa a *España*.

⁶⁷ Nº 4904, descrito como «*História das Índias de Castela*». A 1ª parte da obra deste historiador espanhol foi editada em 1535, e a 2ª interrompida com a morte do autor, e só completada a edição no século XIX.

⁶⁸ Nº 4842, descrito como «*Cabeça de Vaca das coisas da Índia*». Álvaro Núñez Cabeza de Vaca (1492-?), conquistador espanhol de família nobre, neto de Pedro de Vera, conquistador da Gran

(†1547)⁶⁹, o *Libro de Grandezas y cosas memorables de España* de Pedro de Medina (†1567?), cosmógrafo-mor de Espanha⁷⁰, o raríssimo *Livro da origem dos Turcos he de seus Emperadores* de Frei Diogo de Castilho, publicado em Lovaina em 1538⁷¹, ou a *Chorographia* de Gaspar Barreiros(†1574)⁷².

Não podemos deixar de assinalar a presença de duas obras capitais da arte de navegar e da guerra: a *Arte de Navegar*, com grande difusão em toda a Europa, do já citado Pedro de Medina, publicada em 1545⁷³, a *Arte da guerra do mar*, de Fernão de Oliveira († c. 1581), impressa em Coimbra, por João Álvares, em 1555, e ainda um «*Caderno de arte militar*», impresso, cuja identificação é impossível (nº 4873).

Outros saberes e práticas próprias da cultura aristocrática, como a caça, estão presentes através de uma «*Arte de falconaria E montaria Escrito de maõ*», bem como a cultura política, através de um conjunto de textos sobre o príncipe virtuoso e o ofício régio: o *Regimiento de los Principes*, o mais célebre e difundido modelo do bom príncipe, de Egidio Romano (c.1287)⁷⁴, e outros muito recentes como a *Institucion de un rey christiano* (1556) de Felipe de la Torre († 15 ?), dedicada a Felipe II quando ascendeu ao poder⁷⁵, *El Consejo y consejeros del principe* (1559)

Canaria, *La Relacion que dio Alvar Núñez Cabeza de Vaca de lo acaescido en las Indias [...]// La relacion y comentarios del governador Aluar Cabeza de vaca, de lo acaescido en las dos jornadas que hizo a la Indias*. A edição *princeps* é de Zamora, 1542, a segunda, um pouco modificada, de Valladolid, 1555. Ambas poderiam estar na livraria de D. Teodósio.

⁶⁹ Nº 4843, descrita como «*Carta de Fernam Cortes das coisas do Perú*». Trata-se de 5 importantíssimas cartas (a 1ª perdeu-se) a Carlos V sobre as Américas. Ed. *princeps* das cartas separadas: 2ª-1522, 3ª-1523, 4ª-1524, 5ª- 1525. A descrição no inventário não permite identificar qual delas figurava na livraria ducal.

⁷⁰ Nº 4848. Sevilha: Domenico de Robertis, 1548. Avaliado em 200 rs.

⁷¹ Nº 4864. Existe um exemplar na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Agradecemos a Paulo Lopes (IEM/CHAM) a respectiva referência.

⁷² Nº 4884. Gaspar Barreiros, antiquário e geógrafo, sobrinho de João de Barros, *Chorographia de alguns lugares que stam em hum caminho, que fez Gaspar Barreiros o ano de MDXXXVI* [...].Coimbra: João Álvares, 1561.

⁷³ Nº 4861, *Arte de Navegar, en que se contienen todas las reglas, declaraciones secretos y avisos a que la buena navegacion son necesarios, y se deve saber*. A ed. *princeps* é de 1545, e teve várias edições em castelhano mas também em tradução para várias línguas.

⁷⁴ Nº 4876. Ed. *princeps* em castelhano. Sevilha, 1494. Há outros exemplares no inventário.

⁷⁵ Nº 4872, «*Instrução de um Rei Cristão*», sem indicação do nome do autor. Existe uma edição actual da *Institución de un rey christiano* (1556), ed. TRUMAN, R. W. (1979), University of Exeter, Exeter Hispanic Texts XXIII.

de Fradique Furio Ceriol (†1559)⁷⁶, ambas impressas em Antuérpia, ou o *Relox de Principes* de Antonio de Guevara (†1545), uma das mais editadas obras da cultura aristocrática no século XVI⁷⁷. Saliente-se ainda o *Libro Primero del Espejo del Principe Christiano* de Francisco de Monçon na edição *princeps* de Lisboa de 1544⁷⁸ e as *Sentenças* de André Rodrigues de Évora (†1575), na edição impressa de 1554 ou de 1555⁷⁹.

Existem ainda obras que remetem para outros instrumentos do poder do príncipe. Entre eles evoquemos a importantíssima obra de Diego de Sagredo (†c. 1528), *Medidas del Romano*, primeiro livro de arquitectura publicada em língua vulgar na Europa em que se difundem os preceitos do *De Architectura* de Vitruvius, com forte influência na arquitectura do Renascimento⁸⁰. O traço mais evidente nesta secção é a supremacia absoluta dos livros em língua castelhana⁸¹. Das 47 obras que podemos identificar – de forma positiva, provável ou hipotética –, 40 são em castelhano, o que corresponde a c. 85%, cabendo ao português a muito escassa percentagem de c. 15%. Aliás, de entre as línguas vulgares presentes – português,

⁷⁶ N° 4865, «*Concelho E concelheiros do Príncipe*», sem nome do autor. Impressa em 1559 e dedicada a Filipe II.

⁷⁷ N° 4881, descrito como «*Marco Aurelio com Relogio de Princepes*» de Antonio de Guevara, obra que, com muitas variantes e edições, alcançou grande difusão europeia através de muitas traduções para outras línguas vulgares nos séculos XVI e XVII. Não é possível a identificação da edição presente no inventário, dada a quantidade de edições existentes ao longo do século. REDONDO, A. (1976). *Antonio de Guevara (1480?-1545) et l'Espagne de son temps. De la carrière officielle aux oeuvres politico-morales*. Genebra: Droz. BUESCU, A. I. (2009). «Corte, Poder e Utopia: O *Relox de Principes* (1529) de Fr. Antonio de Guevara e a sua fortuna na Europa do século XVI». *eHumanista. Journal of Iberian Studies*, dir. Antonio Cortijo (Dep. of Spanish & Portuguese, Univ. da Califórnia), Publications of *eHumanista*, 12, 2009, pp.145-181. <http://www.ehumanista.ucsb.edu/>, pp. 145-181.

⁷⁸ N° 4905, «*Espelho do Principe Christão feito pello Doutor Monçon*». A obra teve 2ª edição, aumentada, em 1571. BUESCU, A. I. (1996). *Imagens do príncipe. Discurso normativo e representação (1525-1549)*. Lisboa: Cosmos, pp. 135-136. Existem outros exemplares noutras secções do inventário.

⁷⁹ N° 4885, *Primera parte de las Sentencias que [...] estan por diversos Autores escriptas [...]*. A edição manuscrita, em latim e português pertence hoje por compra à Biblioteca de Vila Viçosa (cota BDM II Res. Ms 6 Adq). Existe edição fac-similada. As *Sentenças* foram na época objecto de edições impressas, refundidas, em 1554, Lisboa: Germão Galharde, e Coimbra: João Álvares, 1555.

⁸⁰ N° 4859, descrito como «*Medida deL Romano*», com edição *princeps* de 1526. Na livraria está talvez uma das 2 edições castelhanas impressas em Portugal por Luís Rodrigues, Lisboa, 1541 e 1542, ou outra edição castelhana.

⁸¹ A importância do castelhano é patente noutras secções, nomeadamente o «*Título dos Liuros de Linguaiem de Theologia & Contemplaçaõ*» (n°s 4771-4840) e a dos «*Estoriadores Em Lingoagem*» (n°s 4907-4980).

castelhano, francês, alemão e italiano – é o castelhano que tem o maior número de obras, superando largamente o português.

Das línguas vernáculas estão representadas no inventário o português, o castelhano, o italiano, o francês e, de forma residual o alemão. Pela dimensão que reveste nesta livraria, que não é apenas linguística mas social, ideológica e cultural, impõe-se uma análise mais detalhada da presença do castelhano neste inventário, em contexto histórico-cultural peninsular.

A presença maciça de obras das mais diversas matérias em língua castelhana na livraria de D. Teodósio não deve surpreender, por um conjunto de motivos. A presença do castelhano na corte e na generalidade dos círculos letrados e eruditos constitui um dos sinais mais evidentes da proximidade cultural entre os dois reinos peninsulares no século XVI, culminando um processo que tinha antecedentes e protagonistas, alguns deles notáveis – pensemos na importância das relações culturais na primeira metade do século XV entre a corte dos príncipes de Avis e a corte castelhana, pensemos ainda na figura do condestável D. Pedro de Portugal, que governou a Catalunha entre 1464 e 1466, e cujos interesses culturais e produção literária exprimem também essa articulação⁸².

O bilinguismo português-castelhano teve grande impacto no Portugal de Quinhentos, para lá das figuras cimeiras de Gil Vicente⁸³, Francisco de Sá de Miranda⁸⁴ ou Luís de Camões. O *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende (1516) ilustra, além da inspiração directa no *Cancionero General* de Hernando del Castillo (1511), essa presença do idioma castelhano na cultura portuguesa da época, patente na corte e nas elites bem como noutras camadas sociais, nomeadamente urbanas. Cerca de 1/7 das composições que o integram são escritas em castelhano, o que reflecte o ascendente da língua e dos modelos estéticos e literários de grandes autores castelhanos sobre poetas como Duarte de Brito, o conde de Vimioso, Gil

⁸² FONSECA, L. A. DA (1982). *O Condestável D. Pedro de Portugal*. Porto: INIC, onde se sublinha o carácter pioneiro do Condestável no uso literário do castelhano por autor português, p. 295 e ss.

⁸³ RICO, F. (dir.) (1980). *Historia y Critica de la Literatura Española*. II - *Siglos de Oro: Renacimiento*, coord. por LÓPEZ ESTRADA, F. Barcelona: Editorial Critica, onde Gil Vicente, considerado «*el mayor dramaturgo de la Europa de su tiempo*» (p.543), figura com destaque no capítulo dedicado ao teatro anterior a Lope de Vega, em artigos da autoria de Luciana Stegagno Picchio e Stephen Reckert.

⁸⁴ Das 189 composições poéticas que integram a edição crítica, 115 são em português e 75 em castelhano. VASCONCELOS, C. M. DE (1989). *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*. reprodução fac-similada da edição de 1885, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. CXXVIII.

Vicente ou Garcia de Resende, muito próximos dos ambientes cortesãos⁸⁵. A recepção da literatura espanhola foi um dos estímulos à criação dos escritores portugueses e o castelhano tornou-se uma das línguas de expressão literária ao longo de três séculos⁸⁶.

Por outro lado, no século XVI, a própria corte era bilingue, em virtude do contínuo estreitamento dos laços entre as duas cortes peninsulares, através da política matrimonial dos monarcas portugueses e castelhanos, no âmbito de uma estratégia de unificação dinástica das duas Coroas. E com as rainhas espanholas vinham séquitos numerosos que traziam modas, maneiras, gostos e também a língua, cujo uso na corte régia se impôs, tornando-se habitual entre os cortesãos. A presença em Portugal de muitos membros de ordens religiosas, alguns dos quais alcançaram posições de destaque na hierarquia eclesiástica e na própria corte, como capelães, pregadores e confessores de membros da família real, contribuiu igualmente para intensificar a importância da influência castelhana. Num plano socialmente mais alargado, a literatura de cordel e os romances, as canções e os provérbios castelhanos circulavam nas ruas de Lisboa, e a sua presença nas vivências do quotidiano reflectem-se na produção literária de autores como Gil Vicente, Chiado e António Prestes, sendo que foi o teatro o veículo mais importante para a difusão do castelhano junto das camadas populares, principalmente urbanas⁸⁷.

Também a casa de Bragança se unia a Castela por diferentes laços. Na sua infância e juventude, no quadro da crise política no reinado de D. João II, com a execução do duque D. Fernando seu pai em 1483 e a queda em desgraça da casa de Bragança⁸⁸, D. Jaime, à época com apenas 4 anos de idade, viveu exilado em Castela durante treze anos recebendo esmerada educação humanista na corte de Isabel a Católica. Por outro lado, a primeira mulher de D. Jaime, mãe de D. Teodósio e de D. Isabel, D. Leonor de Mendoza, era oriunda da grande casa de Medina Sidonia, pelo que as referências culturais e devocionais que trouxe para

⁸⁵ VÁSQUEZ CUESTA, P. (1988). *A Língua e a Cultura Portuguesas no Tempo dos Filipes*. Lisboa: Europa-América, p. 44.

⁸⁶ CASTRO, I. (2002). «Sur le bilinguisme littéraire castillan-portugais». In *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian*, XLIV, *La Littérature d'Auteurs Portugais en Langue Castillane*. Lisboa-Paris, p. 12.

⁸⁷ VÁSQUEZ CUESTA, P. (1988). *Op.cit.*, p. 51.

⁸⁸ FONSECA, L. A. DA (2005). *D. João II*. Lisboa: Círculo de Leitores, pp. 59-80; João Paulo Oliveira e COSTA, J. P. O. e (2005). *D. Manuel I. 1469-1521. Um príncipe do Renascimento*. Lisboa: Círculo de Leitores, pp. 55-58.

Portugal eram de matriz castelhana, o mesmo acontecendo com damas e oficiais da sua casa.

Por seu turno a Universidade, definitivamente transferida para Coimbra em 1537 patrocinou, para além da chamada de lentes portuguesas formados em Paris, Alcalá de Henares e Salamanca a integração no corpo docente de muitos lentes espanhóis, alguns dos quais transitaram do Estudo de Lisboa. Entre eles Alfonso de Prado, Luís de Alarcón e Francisco de Monçon (este último dos poucos lentes transferidos do Estudo de Lisboa, onde leccionava desde 1535), todos mestres reputados em Alcalá, Juan Fernández, que ensinava Retórica em Salamanca e Alcalá, Rodrigo de Reynoso, João de Morgovejo, Fr. João de Pedraza, Juan Fernandez, Mateus Aranda, o teólogo Frei Martinho de Ledesma, dominicano de Alcalá, embora de formação salmantina e discípulo de Francisco de Vitória, e o canonista Martín Azpilcueta Navarro. O célebre doutor Navarro encontra-se, aliás, muito representado na livraria ducal, sobretudo na secção de Cânones. É ainda de assinalar a presença, desde a Idade Média, de estudantes portugueses na Universidade de Salamanca, com tudo quanto este facto representava de interacção ideológica e cultural. E, por fim, num quadro que envolve a produção e a circulação do livro impresso, torna-se conveniente, entre outras realidades: lembrar que existiam circuitos de compra de obras em castelhano, cujo dinamismo editorial era já marcante⁸⁹ pelo que muitas delas acabavam por não ser traduzidas; sublinhar a forte presença e dinamismo de editores castelhanos no reino; e, finalmente, recordar que mais de 15% das edições conhecidas impressas em Portugal no século XVI foram editadas em castelhano⁹⁰.

As relações culturais com Castela eram portanto estreitas e intensas. O ascendente do castelhano evidenciava-se ainda na sua função de língua «intermediária»: muitas obras de além-Pirenéus, designadamente italianas, chegavam a Portugal através de edições castelhanas, o que se explica, para lá da proximidade entre as línguas, pela dinâmica da tipografia em Espanha desde os Reis Católicos e pelo vigor da língua castelhana em prelos transpirenaicos⁹¹. É o caso, a título de exemplo, dos «*Triunfos de Petrarcha em limgoagem*» (nº 4878), presentes entre os livros «*profanos em romance*» da livraria ducal em tradução castelhana, ou do célebre «*Caualeiro detreminado* [sic]», tradução castelhana da

⁸⁹ MARTÍN ABABD, J. (2003). *Op. cit.*, pp.45-114.

⁹⁰ BUESCU, A. I. (2004). *Op. cit.*, pp. 13-38.

⁹¹ GARCÍA ORO, J. (1995). *Los Reyes y los libros. La política libraria de la Corona en el Siglo de Oro (1475-1598)*, Madrid: Editorial Cisneros.

muito difundida obra do cronista borgonhês Olivier de La Marche (†1502), *Le chevalier délibéré* (1483)⁹².

A grande importância do castelhano neste inventário, como fomos assinalando, é especialmente patente nas secções de «*Livros Profanos em romance*» (4841-4906), «*Titulo dos Liuros de Linguaiem de Theologia & Contemplaçãõ*» (4771-4840) e a dos «*Estoriadores Em Lingoagem*» (4907-4980), mas, com a óbvia excepção dos núcleos relativos às línguas clássicas e às restantes línguas vulgares, e de algumas secções como leis, filosofia e poesia, o castelhano é uma presença transversal no inventário. Apesar de um número substancial de obras não poder vir a ser identificada por falta de elementos, é seguro afirmar que os dois idiomas mais representados na livreria ducal são, em termos absolutos, o latim e o castelhano.

A secção de Teologia nas suas várias entradas, incluindo a mais «castelhana» secção de Teologia e contemplação, aponta para percentagens da ordem dos c.79% de livros em latim, c.13% em castelhano e c. 8% em português⁹³. Mas se a nossa análise incidir sobre as três secções referidas no parágrafo anterior, o panorama é totalmente diferente, pois o «confronto» não se faz com o latim, mas entre as línguas vulgares. Assim, com tivemos ocasião de assinalar, no caso da secção de livros profanos em romance, das obras identificadas 85% são em castelhano e 15% em português; quanto aos livros de teologia e contemplação, essa relação é bem mais equilibrada, de 55% e 45%, respectivamente para as obras identificadas em castelhano e para o português; finalmente na história em linguagem, das 66 obras identificadas, 72% são em castelhano e 28% em português.

Alargando esta análise linguística ao conjunto do inventário⁹⁴, a grande alteração – e a grande novidade – é introduzida pelo italiano: se o latim mantém, de forma destacada, o primeiro lugar, com c. de 73% do universo considerado, segue-se o castelhano com c. 14%, depois o italiano com pouco mais de 9%, e só a seguir o português com c. de 7%⁹⁵. Também à livreria de D. Teodósio, em pleno século XVI, se pode, pois aplicar, com maior propriedade ainda, a classificação de «*biblioteca ibérica e latina*», na expressão de Maria de Lurdes Fernandes para

⁹² N°4897. Obra de exaltação da figura do duque Carlos o Temerário. *El caballero determinado, traducido de lengua francesa en castellana por Hernando de Acuña*. Antuérpia, 1554.

⁹³ Trata-se aqui de ordens de grandeza aproximada; uma análise estatística mais rigorosa é impossível, dadas as características do inventário e a impossibilidade de identificação de todas as entradas, também sob o ponto de vista linguístico.

⁹⁴ Para este parâmetro, o nosso universo é de 1293 entradas.

⁹⁵ É claro que a posição relativa das línguas varia no interior de cada secção que se está a considerar.

caracterizar a biblioteca do erudito Jorge Cardoso (†1669) no século XVII⁹⁶, mas acrescentando-lhe esta explícita e eloquente matriz itálica.

Finalmente, apontemos uma última e fundamental razão para a supremacia dos livros em castelhano em relação ao português na livraria de D. Teodósio: a baixa dinâmica da arte tipográfica em Portugal, em franco contraste com o que sucedia em Espanha e Itália. É esta mesma razão que ajuda também a explicar que através das ligações da Casa de Bragança com os circuitos diplomáticos, políticos, mas também editoriais de além-Pirenéus, o próprio número de obras em língua italiana fosse superior ao das obras em língua portuguesa na livraria do duque de Bragança.

Concluindo. No interior do vastíssimo património de D. Teodósio, patente no inventário *post-mortem* dos seus bens, o caso da livraria é, para o caso português, um caso de absoluta singularidade pela sua dimensão. Também em contexto quer peninsular⁹⁷ quer europeu coevo é, como vimos, com a absoluta excepção da biblioteca colombina, uma grande livraria, sem dúvida a mais importante do Portugal de Quinhentos.

Traço marcante desta livraria, que abrigava obras relativas a todos os saberes de então, é a forte presença de autores castelhanos, nomeadamente entre os historiadores em linguagem, na teologia mística e contemplativa e nos livros «*profanos em romance*». Mas o castelhano funcionava também em Portugal como língua «intermediária» da cultura escrita transpirenaica. Na verdade, em particular a literatura italiana, através de nomes como Dante ou Petrarca, chegava a Portugal no século XVI sobretudo através das respectivas traduções castelhanas, como se torna patente neste inventário. Finalmente, em virtude da presença da língua castelhana nomeadamente entre as elites cultas e na corte portuguesa, um número assinalável de obras neste idioma eram, como vimos, objecto de edições nos prelos portugueses, evidenciando a interacção cultural e linguística entre ambos os reinos peninsulares no século XVI.

⁹⁶ Neste caso, do número total de entradas (1222), 38,9% correspondem a títulos em língua castelhana, 36,1% em latim e 12,2% em português. FERNANDES, M. de L. C. (2000). *A biblioteca de Jorge Cardoso (†1669), Autor do Agiologio Lusitano. Cultura, erudição e sentimento religioso no Portugal Moderno*. Porto: FLUL, pp. 17-18.

⁹⁷ NASCIMENTO, A. A. (2006). *Op. cit.*, p. 724.